

**A BÍBLIA E SEU LUGAR COMO OBJETO SIMBÓLICO NO FILME
*UM SONHO DE LIBERDADE***

Flávia R Firmino dos SANTOS
(Orientadora): Profa. Dra. Carmen Zink Bolonhini

RESUMO: Utilizando a Análise de Discurso como base teórica, o estudo em questão visa focar cenas do filme nas quais estejam presentes as representações da Bíblia como objeto simbólico. Além de analisar as relações entre as instituições: Estado, Igreja, e Penitenciária, e a ideologia que estas reafirmam ao longo do filme *Um sonho de Liberdade (The Shawshank Redemption)*, uma produção norte-americana, lançada em 1994, direção e roteiro de Frank Darabont e baseado no conto *Primavera Eterna - Rita Heyworth e a redenção de Shawshank*, de Stephen King, publicado no livro *As quatro Estações*¹, de 1982.

Palavras-chave: Análise de discurso – Cinema – Bíblia – Ideologia – Um sonho de Liberdade

Justificativa: Minha análise trabalha com a presença do livro dentro do filme, e toda a linguagem utilizada, levando em consideração como é feito o retrato do objeto e a forma em que este se insere no contexto de cada cena, bem como qual seria seu papel no desenrolar do enredo. Para tanto, será necessário o embasamento teórico no método de pesquisa defendido por Carlo Guinzburg em *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*, dado que o autor em questão coloca lado a lado três figuras: Giovanni Morelli, crítico de arte, Sigmund Freud, o ‘pai’ da psicanálise, e Arthur Conan Doyle, criador dos personagens Sherlock Homes e Doutor Watson. Os três possuem em comum o fato de observarem atentamente sinais aparentemente insignificantes, indícios mínimos, que raramente são notados pela maioria dos observadores, mas que fornecem uma base importante em pesquisas de cunho interpretativista. Nesse sentido, busquei também, questionar a afirmação do cineasta americano Jon Avnet de que “O espectador que vê o filme só pela história se arrisca a perder o que procurei colocar nas entrelinhas. São pequenos toques. Um diálogo aqui, um olhar ali, um gesto lá. Cinema é isso”².

¹ Cujos títulos originais são “*Different Seasons*”, tendo sido publicados em 1947. Faço referência especificamente à 2ª Edição traduzida para o português por Andréia Costa, no ano de 1991 pela Livraria Francisco Alves Editora S.A.

² O trecho em questão foi extraído da reportagem chamada “*Na mira dos veteranos*”, em entrevista sobre a estreia do filme “*As duas faces da lei*”, do jornal *Estado de São Paulo*, no Caderno 2 (seção sobre televisão e cinema).

Na realidade, quando levamos em consideração o que diz a Análise de Discurso, não podemos concordar com essa afirmação, pois, de fato não há entrelinhas, não há subentendidos. O que se analisa nestes contextos é a materialidade do discurso, ou seja, o que está posto, e como tal possui significação, a despeito, inclusive, da existência ou não da percepção destes “detalhes”, por parte do espectador. De fato, tais detalhes não foram colocados no filme de maneira aleatória ou desmedida, pois significam, produzem efeitos de sentido. E reitero, mesmo quando não notados pelos espectadores, ajudam na produção de sentido. Além disso, como destaca Xavier, em seu livro “*O discurso cinematográfico: A opacidade e a transparência*”: “O cinema é um discurso e é ideológico”³. Desta maneira, o que procuro analisar são esses efeitos de sentido produzidos ao longo do filme, por meio de detalhes, aparentemente imperceptíveis, como, por exemplo: a pequena cruz dourada na lapela do diretor Norton, e a referência ao livro bíblico de Êxodo, como objetos simbólicos que funcionam dentro do filme e evocam a todo momento um discurso religioso, ideológico. Até mesmo através de citações claras de versículos bíblicos por parte da figura do diretor (uma figura de autoridade que reitera seu controle por meio de citações da Bíblia).

Portanto, creio que é importante ponderar a respeito da representação destes discursos e seu funcionamento dentro do filme porque como explicita Orlandi (2006) há efeitos de sentidos entre locutores e tais efeitos resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias dadas, e afetados por suas memórias discursivas, o que me parece muito mais plausível do que a encontrada na fala do cineasta americano sobre buscar as “entrelinhas”.

Além disso, o trabalho pode vir a ter uma posterior aplicação em sala de aula, pois o mesmo pode ser utilizado a fim de demonstrar a noção de Ideologia aos alunos e problematizar como se dão as relações de poder no contexto social e institucional. Inclusive dentro da Escola que, segundo Althusser (1918), age como um dos mais importantes aparelhos ideológicos, afinal “... nenhum aparelho ideológico de Estado dispõe, durante tantos anos, dessa audiência obrigatória, (...) 5 a 6 dias em cada 7, à razão de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista”. E como defende Orlandi (1999), “o sentido é assim uma relação determinada do sujeito- afetado pela língua- com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos... [...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados”.

³ Citação retirada do livro “*O discurso cinematográfico: A opacidade e a transparência*” Ismail Xavier. 3ª edição revista e ampliada, Editora Paz e Terra, São Paulo, 2005.p.132.

Do mesmo modo que é possível traçar paralelos claros entre a figura do diretor Norton, e a figura de muitos professores que se valem de sua autoridade para agir de maneira autoritária, (a velha e conhecida dicotomia entre Autoridade X Autoritarismo), buscarei analisar as funções da prisão e da escola, guardando as devidas proporções é claro e acima de tudo trazendo considerações e contribuições para a prática do professor em sala de aula.

Objetivo geral

Pretendo neste trabalho realizar uma breve análise de cenas escolhidas do filme *Um sonho de Liberdade*, nas quais aparecem a Bíblia. O objetivo é verificar a respeito de seu papel no desenvolvimento da narrativa do filme, sua representação, posto que, é retratada quase como um dos personagens da trama. Na verdade, minha premissa se vale de aspectos observados ao longo de toda a exibição do filme, no qual, a Bíblia é filmada através de recursos como foco direcionado, enquadramentos de câmera e os vários closes, que em minha visão, buscaram conferir a ela uma significação própria. Pretendo investigar a maneira pela qual, a presença desse objeto simbólico na materialidade do filme, evoca os mais diferentes discursos, o que se pode chamar de efeitos de sentido. Dessa forma, a análise terá por objetivo considerar este papel tão intrigante de um dos livros mais conhecidos e mundialmente visados.

Objetivos Específicos

- Quais são os diferentes efeitos de sentido produzidos a partir do discurso bíblico, bem como da representação da Bíblia? Para tanto, analisando o papel das instituições Igreja e Penitenciária, como aparelhos repressivos ou ideológicos de Estado que agem muitas vezes por meio da violência e punição, retomando, muitas vezes, discursos bíblicos para reafirmar sua posição de detentores da verdade e executores da vontade do próprio Deus.

- Como se dá o funcionamento e a representação da Bíblia como objeto simbólico nas cenas do filme *Um sonho de Liberdade*? Objetivo que desejo responder através do movimento de analisar discursivamente os pronunciamentos das figuras de autoridade, principalmente da representação do diretor Norton e seu constante discurso bíblico. Meu intento é o de a partir da posição-sujeito que essas autoridades ocupam, verificar quais as imagens de imposição de ordem e disciplina que produzem.

A descrição do Objeto de Análise

O filme *Um sonho de Liberdade (The Shawshank Redemption)* foi lançado nos Estados Unidos em 1994, tem direção e roteiro de Frank Darabont. Baseado no conto *Primavera Eterna - Rita Heyworth e a redenção de Shawshank*, de Stephen King, foi publicado no livro *As quatro Estações*, de 1982. O enredo trata basicamente da amizade entre dois personagens centrais que se conhecem na penitenciária *Shawshank*, Ellis "Red" Redding, interpretado no filme pelo ator Morgan Freeman, narra a história de Andy Dufresne, vivido por Tim Robbins, um jovem banqueiro de carreira promissora que é condenado à prisão perpétua pelo assassinato de sua esposa e do amante desta, embora seja inocente, - fato que somente se comprova com a conclusão da história. Culto e inteligente, Andy passa a executar tarefas rotineiras dentro da prisão como, por exemplo, trabalhar na lavanderia e depois na biblioteca. Mas para o diretor Norton, o essencial são seus serviços de contador, pois além de ser o responsável pela declaração de imposto de todos os guardas, é Andy quem faz para o diretor a lavagem de dinheiro de toda propina que passa pelo presídio. Ao final, depois de perder as esperanças de obter a reavaliação de seu caso, e sem a única testemunha de defesa, - assassinada a mando do diretor Norton, - Andy põe em prática um engenhoso plano de fuga, levando consigo todo o dinheiro do diretor e escapando por um túnel que saía de sua cela, que ele passara quase vinte anos cavando com um pequeno martelo de pedras, e cuja entrada era escondida pelo pôster de uma bela mulher, a atriz Rita Heyworth. Depois da fuga Andy também cuida para que as denúncias do esquema ilegal de enriquecimento do diretor cheguem à imprensa.

Ideologia da Época

Segundo Althusser (1918), não é no campo das idéias que as ideologias existem. Elas definitivamente, possuem existência material, e é nessa existência material que devem ser estudadas. Além disso, a questão da ideologia se faz por meio de mecanismos ideológicos, dentre os quais podemos citar o mais básico, - a sujeição- que não está presente somente nas idéias, mas num conjunto de práticas e de rituais situados em um conjunto de instituições concretas. Tais instituições possuem uma unidade que não lhes é conferida por quaisquer meios como a política ou algum comando estabelecido, mas pelo que Althusser chama de aparelhos de Estado. Tais aparelhos podem ser Ideológicos - os que atuam por meio da ideologia que impõe-, ou Repressivos - cuja atribuição maior é agir de forma coercitiva a fim de estabelecer uma relação clara de subordinação entre classes.

Então, para melhor analisar as cenas escolhidas e a ideologia em sua materialidade, julguei que seria mais frutífero buscá-la na estrutura do sistema prisional retratado no filme, entre as décadas de 40 e 60 do século XX. Na época, as prisões norte americanas eram vistas como centro de reabilitação para indivíduos problemáticos que cometessem crimes, tais crimes eram considerados agressões à sociedade e frutos de maus hábitos desenvolvidos por mentes ociosas. Novamente vemos como a penitenciária, um aparelho repressor de Estado, age coercitivamente para punir o indivíduo que de alguma forma se opôs à ideologia do contexto em que vivia. Tais lugares eram calcados na tríade: disciplina, trabalho e fé, posto que, se acreditava que através destas três premissas seria possível criar bons hábitos para a vida em sociedade, e o amor ao trabalho, que por sua vez, manteria os homens afastados dos crimes. Esta noção de Trabalho se vincula claramente ao pensamento protestante, sobre o qual falou Max Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Weber apresenta o trabalho como forma de alcançar a graça divina, satisfazendo a vontade de Deus, que designou para cada homem uma vocação a ser exercida como forma de obtenção de lucro. Toda preguiça e ócio são condenados, pois “a falta de vontade de trabalhar é um sintoma da ausência do estado de graça”⁴. Dessa forma, o trabalho seria ao mesmo tempo o caminho pelo qual o criminoso seria reinserido na sociedade que ele agredira e encontraria a salvação e a graça divinas. Pensamento que também fundamenta o sistema de trabalho dentro da penitenciária, pois se defendia que “de toda hora perdida no trabalho redundava uma perda de trabalho para a glorificação de Deus”⁵. O descanso só era permitido aos domingos, como manda a Bíblia.

Fundamentação Teórica – “O Discurso”

Em seu texto *Análise de Discurso* Eni Orlandi (1999), destaca que: “Fazendo a crítica ao esquema elementar da comunicação, M. Pêcheux (1969) vai dizer que o discurso mais do que transmissão de informação (mensagem) é o efeito de sentidos entre locutores”. Portanto, para a autora em questão, o Discurso vai muito além das simples comunicação, ou do ato elementar estímulo/resposta. O Discurso é feito do simbólico, e de seus efeitos de sentido. Tais efeitos são resultados da relação de sujeitos participantes dele em circunstâncias determinadas e afetadas por suas memórias discursivas e principalmente pelas Condições de Produção do contexto. Assim, busco analisar os dados tendo por fundamento teórico as questões dadas através da Análise do

⁴ Weber, Max. *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 210

⁵ Weber, Max. *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 208

Discurso. Orlandi (2006) que “A textualidade por sua vez é a função da relação do texto consigo mesmo e com a exterioridade. É pensando a relação de um texto com a sua exterioridade que podemos pensar não a função do texto, mas, seu funcionamento [...] Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, é porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa”.

Ao observar a afirmação acima, um movimento se faz necessário, o de repensar os dados de maneira a ressaltar que em relação à análise, o que vejo não é um livro, mas sim um objeto simbólico, cheio de significação que evoca uma série de discursos, desde o religioso, principalmente, mas também o disciplinador, autoritário, etc. De forma que é importante perceber neste filme, a Bíblia sendo descrita como bem mais que um simples objeto decorativo. Pode se dizer que ela adquire, de uma forma marcante, o status de um personagem da trama, e nessa medida, reafirma discursos e ideologias concernentes às condições de produção do contexto norte americano dentro de uma prisão entre as décadas de 40 a 60.

Metodologia e o Processo de Análise

Seleção das cenas: Busquei em geral cenas breves que focassem duas figuras principais, a primeira a Bíblia e as mais variadas representações religiosas como as falas nas quais se faz referência clara a ela ou a versículos nela contidos, e a segunda a do diretor Norton em posição de conflito e reafirmação de sua autoridade em relação aos presidiários.

A chegada à prisão (Duração de 0:12:34 até 0:14:00): Nesta cena a Bíblia aparece nas mãos do diretor Norton, dentro da apresentação para os novos detentos do sistema que rege a prisão. A disciplina e a fé que sustentam o sistema estão muito presentes nessa cena. O diretor explica aos presos quais serão as regras vigentes dentro da penitenciária de *Shawshank*. Neste ponto, é possível relacionar os papéis do diretor Norton e do guarda da prisão como evidentes representações do aparelho repressor do Estado, tal como conceituava Althusser em sua teoria sobre os *aparelhos ideológicos*. Conforme, destaca o trecho abaixo do texto “*Análise do Discurso*” cuja autoria é de Fernanda Mussalim: “Retomando a teoria marxista de Estado, o autor afirma que o que tradicionalmente se chama de Estado é um aparelho repressivo do Estado (ARE), que funciona “pela violência” e cuja ação é complementada por instituições – a escola, a religião, por exemplo-, que funcionam “pela ideologia” e são denominadas aparelhos ideológicos de Estado (AIE). [...] (trata-se sempre, para Althusser, do funcionamento da ideologia dominante, pois, mesmo que as ideologias apresentadas pelos AIE sejam contraditórias, tal contradição se

inscreve no domínio da ideologia dominante) [...]p.104.

Sendo representante de um aparelho repressivo de Estado (a prisão), o diretor age de maneira coercitiva e autoritária, o que se confirma ao observarmos a maneira arbitrária com a qual lida com as regras e preceitos que defende ao longo da trama, mas que acaba por descumprir visto que é o maior contraventor no filme.

Um exemplo desta contradição está na cena em que repudiando quaisquer formas de desrespeito, diz aos prisioneiros qual a maior regra dentro da prisão:

“Regra número um: Não blasfemar. O nome de Deus não será chamado em vão na minha prisão”

Assim, quando pensamos em ideologia, pensamos também na base econômica que determina seu funcionamento nas instâncias político-jurídicas, no caso específico do filme analisado, percebemos a presença do capitalismo protestante norte americano, já mencionado, e suas demais relações com o contexto religioso relembrando a tríade: disciplina, trabalho e fé como pilares da sociedade. Deste modo, quando aparecem as figuras do diretor e do guarda da prisão, estas trazem a representatividade do Estado como regulador, isto é, aquele que autoriza ou não os indivíduos a certas condutas e os pune, caso seja desobedecido, (quer através da privação da liberdade, do trabalho forçado e da violência física, como fica explícito no filme, ou por meio de subterfúgios, e danos psicológicos).

“Eu acredito em duas coisas: na disciplina e na Bíblia. Aqui vocês receberão ambas”.

Por meio desta fala o diretor Norton é apresentado como uma personificação da instituição e grande defensor dos valores que ela prega, idéia que será ampliada nas cenas seguintes. Como tal, ele carrega na lapela o símbolo da religião cristã, uma cruz. Assim, os valores religiosos que sustentam a forma de organização da vida penitenciária ficam representados.

A revista da cela (Duração de 0:48:00 até 0:50:56): O primeiro elemento da cela de Andy, protagonista do filme, que é mostrado na tela é a Bíblia, aberta nas mãos do personagem e aparentemente sendo lida. Ela é também a primeira coisa notada pelo diretor Norton quando ele olha para o prisioneiro que a segura. Nesta cena aparecem duas citações bíblicas, que funcionam como um diálogo que se estabelece entre Andy, o detento, e o diretor da prisão de “*Shawshank*”. Durante uma revista em sua cela, o diretor Norton o questiona sobre suas atitudes dentro da prisão, e qual seria seu versículo favorito da Bíblia, ao passo que Andy responde prontamente com a citação do verso do livro de Marcos:

“Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa”, enquanto o Diretor, valendo-se também da Bíblia, responde com o versículo de João 8: 12:

“*Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida*”. Observe-se, portanto, a funcionalidade do discurso bíblico que deslocado da esfera religiosa se tornar um enunciado comum entre dois interlocutores. E depois de deslocados de sua posição discursiva inicial, tais versos são utilizados pelos dois personagens nesta cena em que se discute em princípio a Bíblia, porém, se referem a todo um contexto no qual o personagem de Andy se utiliza deste enunciado para salientar que dentro daquela prisão, era de suma importância estar atento aos movimentos de todos, principalmente do diretor, no caso o “*Senhor da casa*”

Esta expressão dêitica: “Senhor da casa”; pode ser entendida de duas formas, a primeira delas entendendo este “Senhor da casa” como clara referência à figura de Deus, na segunda, o que se pode ver é a substituição da figura de Deus, pela pessoa do diretor Norton. Ele, neste momento, evoca para si as palavras de um sujeito bíblico, e através desta comparação entre si e Deus, reitera que “*É a luz do mundo*”, ou seja, ele é a luz dentro daquela prisão, a única lei, portanto, “*quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida*”, logo, como tal, aqueles que obedecerem às suas regras básicas, sejam elas, de fato, legais ou não, terá a luz da vida, terá a sua proteção, sua aprovação dentro da prisão como realmente aconteceu com Andy, até que este resolveu contestar a ordem vigente e fugir daquele local.

A fuga (Duração de 2:01: 32 até 2:02:13): Esta é a cena onde o diretor Norton descobre que a fuga de Andy resultou na exposição de sua corrupção. Isso fica explícito pela frase que, paradoxalmente, se encontra no quadro que cobre o cofre na sua sala dizendo: “*O julgamento do Senhor vem antes do que imagina*”.

A relação de sentidos entre a expressão dêitica: *do Senhor*, traz em si duas interpretações possíveis, sendo a primeira a que se refere especificamente ao julgamento “*do Senhor*”, (*o julgamento de Deus virá logo*) e a segunda, onde a figura do diretor aparece como um interlocutor do enunciado, sendo advertido da seguinte maneira: “*O seu julgamento, senhor diretor, virá logo*”.

Desta maneira, aquele que pode parecer, inicialmente, a representação de uma figura de autoridade reproduzindo o discurso bíblico, transforma-se em seu grande contraventor, pois ele que, em princípio, simbolizava a integridade de caráter e a deferência religiosa, - sobretudo no que se referia ao nome de Deus - , no desfecho do filme sofre a maior sanção, tendo em vista sua culpa nas mais variadas modalidades de crimes como: lavagem de dinheiro, recebimento de propina e o assassinato de um detento.

Portanto, todos estes crimes, bem como a mentira e a falsa identidade, o

desautorizam totalmente a evocar as palavras de Jesus Cristo, ou as de um “*eu bíblico*”. Desta forma, apropriando-se deste discurso, acabou por incorrer na maior falha que combatia veementemente, a blasfêmia ao nome de Deus, sendo julgado, e condenado por isso. Ao abrir o cofre, Norton encontra na Bíblia de Andy a resposta para como o martelo sobreviveu à revista na cela, pois o prisioneiro já o possuía. Recortado dentro do livro esta um buraco onde a ferramenta se encaixa perfeitamente. Este fato está ligado à frase que aparece tanto na cena anteriormente analisada quanto nesta: “A salvação vem de dentro”

A salvação de Andy, sua fuga, foi proporcionada pelo pequeno martelo, escondido dentro do livro que para o diretor estava acima de qualquer suspeita. Assim a salvação veio de dentro da Bíblia, não em seu conteúdo, mas em sua materialidade. No entanto, quando aplicada pelo diretor Norton, na cena anteriormente analisada, esta frase estava mais ligada à função da instituição de Shawshank de reabilitação do indivíduo criminoso. Então a salvação viria de dentro da instituição. Podemos pensar também que a salvação de Andy veio de dentro de si mesmo, de sua perseverança ao passar quase vinte anos cavando um túnel para alcançar a liberdade. Vale lembrar que no momento em que a Bíblia é aberta, a cena mostra o livro de Êxodo, o que traz uma série de interpretações possíveis, dado o discurso que este livro evoca, como destaque abaixo.

O Livro de Êxodo

Êxodo, um dos livros do Pentateuco⁶ judaico, é o segundo livro do Antigo Testamento. Dá continuidade à narrativa iniciada em Gênesis relatando o início da escravidão do povo de Israel no Egito e sua posterior libertação do cativo. É possível fazer uma relação direta entre a cena da constatação da fuga de Andy, na qual o diretor observa a Bíblia com o martelo dentro (objeto que proporcionou a chance de escapar), marcada exatamente no livro de Êxodo, (um livro bíblico conhecido por descrever a árdua saga do povo de Israel durante os quarenta anos de desde a fuga do Egito, e travessia do deserto e a conquista da Terra Prometida). O paralelo está novamente entre a fuga de Andy, e a do povo Hebreu, que, dadas as devidas proporções, enfrentaram obstáculos semelhantes como, por exemplo, o cativo, e por consequência a privação da liberdade, além de, obviamente, um líder tirano num regime déspota, isto é, para os israelitas, a figura de Faraó, para Andy a figura do diretor de *Shawshank*. Vale lembrar que a fuga tanto do povo como do personagem não foram conseguidas

⁶ Pentateuco: (grego, “composto de cinco livros”). Os Cinco Livros de Moisés (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio), considerados pela tradição judaica o cerne de toda lei. C.f. o livro “*Guia Literário da Bíblia*” R. Alter e F. Kermode (orgs.) Tradução de R.Fiker. Editora UNESP, 1997, São Paulo.

com facilidade. Ao longo do filme, fica clara a inocência do personagem central e sua saga em busca de dois objetivos evidentes: o primeiro sua sobrevivência dentro daquele local, o segundo, a constante busca pela liberdade, afinal, como ele mesmo diz em uma de suas falas, até aquele momento nunca havia transgredido nenhuma lei, se tornando, irônica e paradoxalmente, um bandido no momento em que entrou naquela penitenciária, pois foi obrigado a roubar e sonegar impostos do diretor Norton.

Conclusão

Observando o que diz Orlandi (2006), em *Análise de Discurso*, teremos a seguinte afirmação: “A análise do discurso aponta, pois, para novas maneiras de ler, para outro gesto de leitura, outra escuta sustentada por dispositivos teóricos e analíticos que nos permitem não apenas reconhecermos no que lemos, (ou ouvimos), mas, que conheçamos o modo como os sentidos estão sendo produzidos e as posições sujeito se constituindo na relação do simbólico com o político. Sim, porque a análise de discurso trabalha com as relações de poder simbolizadas”. Tal como concebe a autora, acredito que ao analisar o filme *Um sonho de Liberdade*, busco interpretar os objetos simbólicos, em especial a Bíblia e por consequência a instituição igreja (AIE) e a maneira como está se vincula aos discursos religioso, e ideológico, dentro da prisão (ARE) de maneira a vislumbrar suas relações de sentido em meio ao contexto discutido, bem como suas implicações em uma leitura feita hoje. Sua representação diz muito mais do que apenas a mera representação proporcionada por qualquer outro livro. E digo mais, na medida em que o discurso político-religioso é evocado e reafirmado, valores e ideologias são trazidos à discussão, e interpretações ganham forma. Interpretações estas que compreendem um vasto sistema de idéias postuladas e discursos desde o já mencionado político-religioso ao Capitalismo-protestantista de Max Weber e da Sociologia alemã. Saliento que meu trabalho partiu da materialidade do objeto simbólico, posto que, como bem explicita Orlandi “[...] o que nos interessa no discurso não é sua forma-empírica nem sua forma abstrata, mas sua forma material, ou seja, constituída pela sua relação com a história, tal como a concebemos mais acima”. E desta forma procuro nos detalhes, - (como, por exemplo, a cruz na lapela do diretor, numa relação direta entre o poder do Estado e a Igreja, ou mesmo a página aberta no livro de Êxodo quando Andy consegue sua fuga)-, no aparentemente imperceptível, a interpretação. Reitere-se que não faço isso como um movimento pretensiosamente reflexivo, contudo, superficial, que tenta enxergar o que está “por trás”, “o implícito”, quando na realidade deve-se buscar o que está posto, sem que se discuta a intencionalidade, pois de acordo com a Análise de

discurso, no momento em que um objeto simbólico aparece, significa, carregando consigo outros discursos que fogem muitas vezes à intenção inicial do autor.

Por fim, tal como explicita Orlandi (2006) “[...] É assim que a análise de discurso se institui como a escuta particular que tem como característica ouvir no que é dito o que é dito ali ou em outro lugar, o que não é dito e o que deve ser ouvido por sua ausência necessária. Isto resulta no que chamamos compreensão em análise de discurso que é o movimento pelo qual apreendemos o processo de produção dos sentidos e dos sujeitos”. “Análise de Discurso”. Eni Orlandi. In: *Introdução às Ciências da Linguagem. Discurso e Texto*. E.Orlandi e S.Lagazzi-Rodrigues (orgs.). Pontes, 2006, p 28.

Referências Bibliográficas:

- ALTER, R & KERMODE, F (orgs.) (1997) *Guia Literário da Bíblia* Trad. de R. Fiker. Editora UNESP, São Paulo.
- ALTHUSSER, L. (1989) *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Trad de W.J. Evangelista e M.L.V. de Castro. Rio de Janeiro, Edições Graal, 6ª ed. 1992.
- BOLOGNINI, C.Z. (2007) *Discurso e Ensino O cinema na escola*. Mercado de Letras, Campinas.
- FOUCALT, M. (1969) *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1987
- _____. (2003) *A ordem do discurso*. São Paulo, SP: Edição Loyola, 9ª.ed
- GINZBURG, C. (1989) “*Sinais: raízes de um paradigma indiciário*” in *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.
- MUSSALIM, F (2000). *Análise do Discurso*. In: “*Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*”. Volume 2. F.Mussalim e A.C. Bentes (orgs.) Cortez Editora, São Paulo.
- ORLANDI, E. (1999) *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Ed. Pontes, Campinas, SP, 2005.
- _____. (2006). “Análise de Discurso”. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). *Discurso e Textualidade*, Editora Pontes, Campinas, SP.
- WEBER, M (1980) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. In: *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural.
- XAVIER, I (2005) *O discurso cinematográfico: A opacidade e a transparência*. 3ª ed. revista e ampliada. Editora Paz e Terra, São Paulo.

SITES:

Fonte: <http://www.duplipensar.net/materias/2004-05-liberdade.html>

Último acesso em: 2 de junho2008.

Fonte: <http://www.imdb.com/title/tt0111161/>

Último acesso em: 2 de junho2008.

Fonte: http://epipoca.uol.com.br/filmes_d.php?idf=1668

Último acesso em: 2 de junho2008.